

Rocca di Papa, 9 de abril de 2016

“Eu, você, nós... agentes da mudança”

1. [Telefone, satélites e web para a comunhão universale](#)
2. [Ásia – 50 anos de vida](#) - *Os 50 anos da presença das primeiras comunidades dos Focolares na Ásia oferecem a oportunidade para partilhar o caminho percorrido até agora e renovar o compromisso atual... para o futuro.*
3. [Abertura e saudações](#)
4. [Os frutos do perdão - Rep. da África do Sul](#) - *Não sabemos onde chegam as consequências dos gestos de perdão: é a experiência de Welile Shasha de Pretória.*
5. [Pepê e Jotabê](#) – *Um gesto de perdão.*
6. [SMU de 2016 - R4U - #4PEACE](#) - *Ao vivo do Equador*
7. [O que eu posso fazer pela minha gente? - Brasil](#) - *A paixão pela arte de Adriana Rocha se dilata para abraçar os mais frágeis da sua cidade. Surgiu assim o seu empenho no projeto AFAGO.*
8. [Moscou, dar asas à esperança](#) - *Moscou, coração da ortodoxia russa, está aquecida pelo primeiro abraço entre o Patriarca Kirill e o Papa Francisco. Aqui uma pequena comunidade, espalhada entre os seus 18 milhões de habitantes, nutre o sonho da unidade.*
9. [Uma saudação da comunidade do Cazaquistão](#) - *telefonema do frei Luca Bàino*
10. [Dialogando com Maria Voce \(Emmaus\) e Jesús Morán](#)
11. [Chiara Lubich: A fraternidade se realiza somente com um amor especial](#) - *De uma resposta de Chiara Lubich no encontro do Movimento Político pela Unidade “A fraternidade na política: utopia ou necessidade?”, Berna, 4 de setembro de 2004.*
12. [Conclusão](#)

1) TELEFONE, SATÉLITES E WEB PARA UMA COMUNHÃO UNIVERSAL

Áudio do Collegamento CH de 2 de outubro de 1980

Eli Folonari: A primeira transmissão que fazemos de Roma: a chegada de Chiara foi festejada por uma enxurrada de presentes, de flores, de telegramas, que ela recebeu de todas as partes do mundo.

música e imagens

Paolo Balduzzi: Vejam esta foto: estamos bem na frente da mesinha onde tudo começou, reconhecem? São Chiara Lubich e Eli Folonari que estão falando com algumas cidades do mundo. É o dia 2 de outubro de 1980. Este foi o primeiro collegamento CH mundial.

Aqui ao meu lado está Anna Paula Meyer que desde 1986 viveu ao lado de Chiara e, desde 1986 se dedicou ao collegamento CH. Então Anna Paula, por que se chama collegamento CH?

Anna Paula Meier: Porque era feito pela Suíça, lá aconteceram as primeiras conferências telefônicas. CH significa Confederação Helvética e permaneceu este nome.

Paolo: Quem sabe quantas vezes você viu uma cena como esta, que impressão lhe dá ver esta foto?

Anna Paula: É belo, porque são lembranças daqueles momentos de grande comunhão entre todos, pois a ideia de Chiara era chegar a todos e caminhar juntos.

Paolo: Também hoje se vive esta comunhão mundial e imaginem que nesta mesma casa, nesta sala ainda trabalha a redação do collegamento.

Uma redação internacional, dos Estados Unidos, do Brasil, da República Tcheca, uma redação que se ocupa dos conteúdos, da técnica, das traduções.

Cesare, antes, quando começamos a trabalhar, você me disse que este objeto tem muito a ver conosco e também com o collegamento CH, por quê? Do que se trata?

Cesare Borin: Então, Paolo, este é um modelo, a miniatura de um satélite, o Olympus que a Agência Espacial Europeia colocou à disposição, de forma experimental, para as transmissões dos nossos primeiros eventos internacionais. Em seguida, um satélite semelhante a este foi disponibilizado para as transmissões em vídeo para o collegamento. Atualmente não utilizamos mais o satélite diretamente para as transmissões do collegamento porque usamos a internet.

Paolo Balduzzi: Em quantas línguas é transmitido o collegamento?

Iracema Amaral: Nós o traduzimos em 11 línguas, naquelas mais difundidas, mas é traduzido em toda a parte onde existe uma comunidade do Movimento.

Texto do vídeo 2280M (duração: 52')

Paolo: Portanto, na verdade, não sabemos em quantas línguas o collegamento é transmitido. Além disso, a este propósito, Anna Paula você me disse que quer me mostrar algo no jardim desta casa, não é?

Anna Paula: É sim! A Agência Espacial Europeia nos deu de presente uma antena que servia para as videoconferências feitas de 2003 em diante.

Paolo: Perfeito. Então, vamos vê-la.

Sigla do collegamento CH de 2003, música e trecho da chamada

Eli Folonari: Hungria?

Voz feminina: Estamos aqui com todo o coração!

Chiara Lubich: Este é o primeiro collegamento via satélite!

Eli Folonari: Canadá?

Voz feminina: Também estão conectadas Vancouver e Montreal!

Chiara Lubich: Ótimo!

Paolo (*indicando a antena no jardim*) Esta é uma grande antena, bem no estilo das grandes televisões, que serve para transmitir ao mundo inteiro. Além disso, quando foi trazida para cá, tínhamos que encontrar um lugar onde escondê-la, mas Chiara quis que ficasse bem no meio do jardim. Por quê?

Anna Paula: Porque – ela disse – é um monumento à comunhão universal, que é o amor universal; é este o sentido que ela dava a estes meios de comunicação.

Paolo: Perfeito. E Chiara, com certeza, daquele terraço podia vê-la?

Anna Paula: Ela dizia: “Esta antena me lembra as pessoas no mundo”.

Paolo: E então junto ao mundo inteiro, começamos daqui este collegamento com a primeira matéria que chega da Ásia.

2) ÁSIA – 50 ANOS DE VIDA

Locutor: É uma história de amizade, de anúncio do Evangelho, de ajuda aos pobres, mas também de diálogo entre as religiões e culturas, aquela que o Movimento dos Focolares na Ásia celebrou há pouco, festejando os 50 anos da sua presença no continente. Testemunhos de empresários,

estudantes universitários, políticos, famílias apresentam o caminho percorrido pelas comunidades dos Focolares no continente asiático, desde os seus primórdios humildes, 50 anos atrás.

Silvio Daneo: Eu estava a bordo do avião que me levava à Ásia, era de tarde e, finalmente, após todos os procedimentos, estava sentado tranquilo e me lembrei que estava viajando no dia 16 de fevereiro. Eram 3 horas da tarde. O mesmo dia e a mesma hora em que viajei 50 anos antes. Foi automático, inclusive porque não estava planejado, voltar atrás 50 anos e reviver aqueles momentos muito especiais.

música

Locutor: No dia 16 de fevereiro de 1966, Guido Mirti, chamado *Cengia*, e Giovanna Vernuccio, com outros três jovens focolarinos, foram enviados por Chiara Lubich para levarem ao arquipélago das Filipinas, e em todo o continente, a nova espiritualidade da unidade.

Silvio Daneo: Nós partimos no auge da guerra no Vietnã. Quando se falava das Filipinas, não se sabia bem onde ficava, mas se alguém dizia “depois do Vietnã” todos sabiam o que queria dizer. A guerra durou ainda dez anos. [...] Eu podia não voltar daquela viagem [...]; portanto, desapegar-nos de Chiara, de todos daqui, foi um grande gesto. [...] Tive o privilégio de acompanhar Cengia. Eu era a sua voz e ouvidos, porque Cengia não sabia inglês. Eu devia falar constantemente duas línguas, pois o ajudei nisso por 15 anos.

Giò Vernuccio: Fomos morar nesta pequena casa sem comprar absolutamente nada. A senhora, que morava ao lado, nos emprestou 3 cadeiras. Ficamos 3 ou 4 meses sem geladeira. Num país onde tudo se estragava num instante. [...] Tínhamos um pouco de dinheiro, que nos deram. Mas nem se pensava em comprar alguma coisa, se ao nosso redor os outros não tinham nada. E quando Chiara veio, aquilo que nos disse nos confirmou justamente isto: vocês devem viver nas mesmas condições que eles vivem. [...] Então o Ideal se difundiu entre os pobres, seguramente, porém milagrosamente também se difundiu entre muitos ricos, os quais nos deram muitas coisas a serem distribuídas aos pobres. E houve este algo, que fez com que dos ricos passasse aos pobres, e que os pobres passassem, inclusive aos ricos, algo que eles tinham dentro. E fizemos as viagens com o dinheiro dos ricos, e assim o Ideal chegou à Coreia, ao Japão. [...] Eu tinha um mapa da Ásia atrás da porta e quando a fechava, aparecia a Ásia, era grande. [...] Pode ter sido difícil... passei pelas aventuras das formigas, das aranhas, da pobreza, das enchentes, dos terremotos, assim

Texto do vídeo 2280M (duração: 52')

como sabemos pelas notícias que chegam daquelas ilhas, mas tudo era realmente coberto pela caridade das pessoas, mesmo forte.

Silvio Daneo: Recentemente um jornalista comentou que o Focolare teve um grande sucesso na Ásia [...] justamente por esta capacidade de não impor, de não ensinar, de não pretender, mas de oferecer, ... diríamos com uma linguagem um pouco focolarina, “fazer-se um”, que depois é a empatia, fazer aquele vazio que permite o diálogo [...] e alguém que 50 anos atrás não tinha a mínima ideia do que aconteceria e que hoje vê tudo isso, acho que está autorizado a ser uma testemunha e a testemunhar esta verdade dos fatos. Para a glória de Deus e também para finalmente dar espaço a um pouco de positivo.

03) ABERTURA E SAUDAÇÕES

Tecris: Boa tarde a todos! Wo hen gao xing wen hou da jia! Com este aplauso agradecemos Giò e Silvio por nos terem contado esta história, que se refere a todos nós provenientes de vários países da Ásia. Sou Tecris da China, de Macau. Ao meu lado estão pessoas de vários países asiáticos: Hong Kong, Tailândia, Coreia, Japão, Filipinas...e de outros lugares.

Como por exemplo, Roselyn, de Myanmar.

Roselyn: Olá a todos, sou Roselyn, venho de Myanmar, e estou feliz por estar aqui com todos vocês. *(saudação em língua birmana)*

Tecris: Obrigada, Roselyn. Também está aqui Pernandos, que vem da Indonésia. O que você nos diz da Indonésia?

Pernandos: Obrigado a vocês. A Indonésia tem 250 milhões de habitantes - na maioria muçulmanos - com mais de 17.000 ilhas e 200 línguas e dialetos diferentes (Queria dizer, talvez: Tribos?). A Indonésia é multicultural, com muitas religiões, tribos...Eu nasci numa família simples, católica. Vivo na Indonésia, mas temos também um símbolo, falo em indonesiano, em bahasa primeiro e depois traduzo. “A diversidade na unidade”, exatamente assim. E, nesta variedade, quando o Ideal do Focolare chegou ali, me ajudou a viver a unidade. Algo muito importante para mim, como habitante dali, para viver a diversidade num país tão grande. Obrigado a Chiara Lubich e a todos vocês! [...]

Texto do vídeo 2280M (duração: 52')

Tecris: Obrigada, Pernandos. Damos as boas-vindas a todos presentes aqui nesta sala. A maioria veio de Loppiano, mas são de vários lugares do mundo, de Cuba, Malawi, ... E cumprimentamos todos vocês, dos cinco continentes, que acompanham este Collegamento. Sabemos que perto de Nova Iorque, na Mariápolis permanente Luminosa, estão reunidas 250 pessoas de toda a América do Norte!

Cumprimentamos também Marco Tecilla, o primeiro focolarino, que completou 90 anos no domingo passado. E também, de modo todo especial, Palmira Frizzera, que mora em Montet, na Suíça, porque hoje é o seu aniversário. Parabéns, Palmira!

Durante este Collegamento faremos uma longa viagem... Iremos a Pretória, na África do Sul, a São Paulo, no Brasil, a Moscou, na Rússia.

Agora, Predy, de Atenas, deveria falar conosco. Você está ouvindo?

Recebemos notícias sobre o que vocês estão vivendo aí na Grécia e o empenho que assumiram junto com outras pessoas. Conte-nos alguma coisa...

Predy Pizzo: Como sabem, há meses a Grécia vive uma situação difícil seja pela crise econômica, que atinge muitas famílias, seja pela chegada de uma multidão de homens, mulheres e crianças obrigadas a deixar os seus países de origem. No focolare e com toda a comunidade nos perguntamos como estar perto destas pessoas para ajudá-las nestes momentos de sofrimento, de medo, de solidão... Como ajudar concretamente as famílias gregas e os refugiados...

Unimo-nos a outras associações, católicas e ortodoxas, e a organizações sociais. Fomos aos campos de refugiados para ajudar na distribuição das refeições, para brincar com as crianças, levar alimentos básicos, e sobretudo estar com as pessoas, escutar...

Surgiu uma rede de solidariedade entre todos. Experimentamos que o sofrimento une as pessoas, e as dificuldades devido aos diferentes credos deixam de existir. Estamos lado a lado, consolando e confortando quem está sofrendo. É uma gota no oceano... mas uma gota de amor que chega a eles. A vinda do papa Francesco, do Patriarca ecumênico Bartolomeu I, com o bispo ortodoxo de Atenas Ieronimo e o Presidente da Grécia à Ilha de Lesbos, será um impulso para fazer crescer ainda mais esta partilha e comunhão. É um motivo de alegria e esperança para muitos. Tchau a todos!

Tecris: Tchau, Predy! Obrigada!

Predy: Tchau!

04) OS FRUTOS DO PERDÃO – REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL

Tecris: Então, vamos para a África do Sul. O Dr. Welile Shasha dirige uma repartição de saúde pública. Está realizando uma campanha importante para levar a assistência sanitária na região rural. Enviou à nossa redação algumas experiências suas. Propomos uma delas.

Welile Shasha (em inglês):

Sou casado com Lucy, temos três filhos já adultos e casados. Trabalho como consultor para o Serviço Sanitário Público em Pretória.

Hoje eu gostaria de compartilhar algumas experiências sobre o perdão.

Durante uma conferência de alguns dias da nossa organização, um dos meus colegas de trabalho levantou a voz comigo. Eu lhe disse: 'Por favor, agora vamos fazer o trabalho da conferência e quando voltarmos para casa, conversamos'. Ao voltar para casa, na semana seguinte, nos encontramos e eu lhe disse: 'Fiquei muito magoado quando você gritou comigo, mas vamos deixar isto de lado. Só gostaria de saber qual foi o meu erro, pois não quero repeti-lo com outros'. E ele: 'Não, não, não! Não se preocupe! Agora já passou.' Eu lhe perguntei: 'Tem certeza?' E ele: 'Sim!' Então eu lhe disse: 'Fiquei magoado por você ter feito isso diante de muitas pessoas e, você sabe, sou um pouco mais idoso do que você. Mas lhe perdoei. Vamos esquecer tudo. Não falarei mais disso. Onde está aquele disco do computador para que eu possa ajudá-lo a analisar os dados que você pediu? Posso fazer isso agora.

Então ele o trouxe, eu analisei os dados, ele fez um relatório para seus superiores e ficou muito feliz. Um mês depois, sua esposa veio me procurar e me disse: 'Sabe que faz um mês que o meu marido não bate mais em mim?' E eu: 'O que eu tenho a ver com isso?'. E ela: 'Eu desconfiava que você tivesse algo a ver com isso, porque desde quando ele trabalha com você, está muito diferente...'. E assim continuamos a ser amigos até hoje.

Talvez vocês queiram saber por que eu me comporto assim [...] No dia em que participei de um encontro do Movimento, se falava do perdão; [...] como ele depende daquele que perdoa e não do culpado. [...] Decidi colocar isso em prática em casa, com a minha esposa, com os filhos e tudo correu bem.

Tecris: Obrigada, Walile e uma saudação a todos de Pretória.

05) PEPÊ e JOTABÊ

Tecris: Oi, temos alguns amigos aqui! Qual é o seu nome?

Miriam: Miriam.

Tecris: Vocês conhecem Pepê e Jotabê?

Miriam: Claro!

Tecris: Ah! Achava que não. E você... Vamos apresentá-los a vocês.

(música)

Pepê: "Agora você vai ver!..."

Tecris: Obrigada, Walter Kostner.

06) SMU DE 2016 - R4U - #4PEACE: AO VIVO DO EQUADOR

Tecris: De 1° a 10 de maio se realizará a Semana Mundo Unido, que terá o seu ponto central no Equador, em Quito. No mundo inteiro serão feitas oficinas, manifestações sobre o diálogo entre as culturas.

Agora, pelo telefone, deveria nos responder Catalina do Equador. Você está ouvindo?

Catalina: Sim, muito bem!

Tecris: O que vocês estão preparando?

Esta Semana Mundo Unido, que será vivida no mundo inteiro, terá o seu foco principal no Equador, onde receberemos jovens de vários países. Uma característica importante dos nossos países latino-americanos e principalmente do Peru, Equador e Bolívia, é a força das culturas ancestrais... onde vivemos a interculturalidade.

Por isso escolhemos um slogan: "LINK CULTURES, UN CAMINO PARAR LA PACE". "LINK CULTURAS, UM CAMINHO PARA A PAZ".

Durante três dias viveremos com os jovens em algumas comunidades indígenas dos Andes, da Amazônia e do Pacífico, onde vivem pessoas de descendência africana.

Esta experiência culminará num "FESTIVAL PELA PAZ", que será realizado na linha do Equador, como sinal de unidade exatamente na Metade do Mundo.

Texto do vídeo 2280M (duração: 52')

Criamos um projeto que permanecerá depois desta Semana: “**AS ESCOLAS PERMANENTES PELA PAZ**”, com a finalidade de formar os líderes de uma cultura do relacionamento. Faremos estas escolas em várias cidades, começando por Otavalo, cidade de cultura indígena. Também serão feitas nas sedes de algumas empresas, com o objetivo de produzir um logotipo que sirva de inspiração para as empresas.

Vocês podem visitar a nossa página facebook: *Jovenes por un mundo unido Ecuador*, coloquem um *curtir*. Esperamos por vocês!

Tecris: Viveremos com vocês esta Semana especial no Equador e em todas as outras cidades do mundo!

A quem utiliza as redes sociais propomos para colocarem fotos e mensagens do empenho de vocês pela paz, associado ao hashtag **#4Peace** .

Para maiores informações vocês podem acessar o site: www.run4unity.net o www.unitedworldproject.org

07) O QUE EU POSSO FAZER PELA MINHA GENTE?

Tecris: Agora vamos para o Brasil. A AFAGO, uma ONG de São Paulo, nasceu de um grupo de jovens que, no final da década de setenta, assumiu como próprio o convite de Chiara Lubich de "morrer pela própria gente", ou seja, trabalhar no próprio território para ajudar a resolver os problemas sociais. Vamos ouvir Adriana.

(música)

Adriana Rocha: Todo meu relacionamento com o mundo passava necessariamente pela arte.

(música)

Como era possível eu me dizer irmanada com o mundo, eu acreditar na fraternidade universal, e eu não partilhar a minha existência com meus irmãos que viviam na minha cidade, que viviam no meu país? *(música)*

E realmente eu senti que a minha experiência como artista deveria se amplificar. *(música)*

Uma amiga nossa, aqui da cidade de São Paulo, nos disse que tinha contato com 3 ou 4 famílias de uma comunidade muito carente nesse Bairro da Pedreira.

Maria Jorge: Eu trabalhava junto com os Vicentinos. E o objetivo principal dos Vicentinos é

justamente esse de ajudar as famílias necessitadas. *(música)*

Adriana: Eram pequenos barracos construídos pelos próprios moradores, no meio de mato. Barracos feitos de lata, feitos de papelão, feitos de madeira que eles pegavam na rua e nós então chegamos aqui e começamos lentamente a conhecer essas pessoas. Num primeiro momento a gente se encontrava com as crianças, a gente começou a passar os domingos nessa comunidade, a fazer jogos e brincadeiras com as crianças. [...]

Então, naquele ano de '84 a gente resolveu enfrentar juntos essa primeira necessidade, que era a necessidade de moradia. E a gente propôs que começasse esse trabalho de mutirão. [...] Nós fizemos grupos de 5 famílias e cada família construía a sua própria casa e a dos outros 4 vizinhos. Foi um trabalho muito árduo porque, obviamente, a gente não tinha dinheiro para nenhuma casa. *(música)*

Porque nenhum de nós tinha nada, nós éramos estudantes, e tínhamos uma comunidade inteira para construir.

Então naquele tempo nós fizemos muitas atividades. Nós fizemos bazares, nós fizemos festas, nós pedimos materiais em lojas de construção. Uma outra atividade que a gente fez, foi passar os domingos na maior avenida de São Paulo, que é a Avenida Paulista, e cada vez que fechava o semáforo, a gente corria nos carros e tínhamos 1 minuto para explicar a nossa experiência e pedir alguma contribuição. Muito do nosso dinheiro veio dessa atividade. *(música)*

Então, em '93 surgiu a AFAGO, essa ONG, cuja proposta era justamente essa: acolher essas crianças em situação de vulnerabilidade, e propor a elas alternativas de atividades, através de atividades socioeducativas, através de oficinas de teatro, oficinas de informática, de música, de esporte... Isso para os menores, e para os mais velhos, também um início de formação profissional.

Bruno: Antes de vir para a Afago eu não tinha muita ambição de crescer, de estudar, porque a gente está numa realidade que... A gente precisa de outras coisas, como comida, por exemplo.

Mayara: E vindo aqui para AFAGO a gente passa ter uma ideia um pouco diferente disso. Porque a AFAGO, pelo menos para mim, me ensinou a perceber que eu posso ser senhora do meu próprio destino [...]. *(música)*

Adriana: Eu acho que o “morrer pela própria gente” hoje foi o mesmo que o “morrer pela própria gente” em 1979, é cada um de nós olhar à nossa volta e se perguntar: “eu, como cidadão do mundo, o que é que eu posso fazer pela minha gente?” *(música)*

08) MOSCOU, DAR ASAS À ESPERANÇA

Tecris: No dia 12 de fevereiro em Havana, aconteceu o histórico encontro entre o Papa Francisco e o Patriarca Kirill. Fomos a Moscou encontrar algumas pessoas da comunidade dos Focolares que vivem na capital russa.

(música)

Victoria Gómez, jornalista: Moscou, coração da ortodoxia russa, está aquecida pelo primeiro abraço entre o Patriarca Kirill e o Papa Francisco. Aqui uma pequena comunidade, espalhada entre os seus 18 milhões de habitantes, nutre o sonho da unidade e dá asas à esperança.

Serghej Yartsev - Comerciante (em italiano): Nos últimos vinte anos, muitas coisas mudaram por aqui. Passamos do momento da descoberta do conhecimento de Deus, ao momento da vida com os seus problemas do dia a dia. Também para mim pessoalmente a descoberta foi forte, como para muitíssimas pessoas do meu país. Na nossa comunidade somos privilegiados porque somos espectadores daquilo que Deus está fazendo nestes momentos, ficando em silêncio e acompanhando, procurando não arruinar... Espero que continue a ir em frente. Eu teria até mesmo um pouco de pressa...

Galia Abaturova - Jornalista (em russo): Sou jornalista e um dia me propuseram que entrevistasse uma médica, Mônica Mayerhofer, que veio trabalhar aqui. Uma vez ela me falou sobre o Movimento. Nunca acreditaria que, com quase quarenta anos, alguém pudesse mudar de vida radicalmente... Quando minha filha se casou na Igreja, cerca de dez anos atrás, pensei com amargura que eu e o meu marido vivemos muitos anos sem o sacramento do matrimônio... Assim, oito anos atrás realizamos o nosso matrimônio na igreja. Demos o nosso passo em direção a Deus e depois continuamos o nosso caminho.

Oleg Stepurko - músico, compositor (em russo): Quando acontece uma tragédia na vida, Deus manda sempre uma consolação. Na nossa paróquia mataram o padre Alexander Men. Todos nós estávamos como ovelhas perdidas sem pastor. Em troca, o Senhor nos enviou o Movimento e Chiara Lubich se tornou a mãe que nos acolheu.

Os meus estudantes são muito jovens e para eles é difícil entender uma espiritualidade, porque não cresceram em famílias cristãs. Eu prego o princípio do Movimento de não fazer pregações, isto

Texto do vídeo 2280M (duração: 52')

é, de fazê-las só com a própria vida. Frequentemente me chegam cartas entusiasmadas: “O senhor, aqui, é o melhor pedagogo... Fala-nos coisas incríveis...”. A este ponto saio do esconderijo e começo a falar: “Eu não sou nada, sou um vazio, tudo o que tenho me vem de Deus”.

Grisha Shilo - músico, concertista (em russo): A minha infância foi bastante difícil. Não tinha pai e cresci num colégio interno. Com todos os meus fechamentos e bloqueios interiores, passo a passo, aprendi a construir os relacionamentos, aprendi a doar. Trabalho como músico, viajo por todo o país e na minha profissão existem todas as tentações ligadas ao meu ofício. Alguns se surpreendem que eu possa crer em Deus, mas procuro dizer o que penso, porque já não posso fazer de outro modo. Mas... me aceitam assim como sou e ainda não me despediram.

Tanja Minakova - economista (em russo): Conheci Deus quando tinha 17 anos através de uma amiga minha. Na minha vida entrou algo, alguém que depois me deu o sentido para ir em frente e me realizar. Fiz faculdade de economia. Chiara Lubich estava iniciando um novo projeto: a Economia de comunhão. Entendi que esta era a minha vocação. Finalmente agora nasceu o meu primeiro projeto, que estou lançando em colaboração com uma empresa social. Espero que possa não só criar empregos, ajudar pessoas, mas também mostrar Deus, para que outras pessoas possam conhecê-lo.

Ieromonaco Giovanni (em italiano): A grande maioria dos membros do Movimento são ortodoxos, como a grande maioria dos cidadãos da Federação russa. Existem alguns católicos, alguns protestantes, algumas pessoas que não são cristãs ou que ainda não fizeram uma escolha específica. Uma comunidade muito unida, em que pertencer a uma tradição ou à outra é visto como um enriquecimento. Que faz uma experiência num certo sentido profética: ser já igreja 'una'. De fato, o que divide a igreja católica e a igreja ortodoxa é, sobretudo, o passado, a história, feita de mal-entendidos, de guerras, de muitos episódios negativos. Então aquilo que pode sanar isto é uma história no positivo, uma história com o sinal “mais” na frente.

Mons. Ivan Jurkovič - núncio apostólico da Rússia (em italiano): A unidade em Moscou. Acho que existem poucos lugares no mundo onde a unidade seja mais importante do que em Moscou. Pensava-se que fosse uma capital de importância geopolítica, mas Moscou é capital religiosa. As igrejas se desenvolveram segundo regras diferentes, mas seguindo a mesma legitimidade dada

Texto do vídeo 2280M (duração: 52')

pelo Evangelho. E isto veio à tona como movimento ecumênico. E foi alimentado também pela espiritualidade, pelos grandes carismas. A unidade se tornou um imperativo. Este século caracterizado antes de tudo pelas dificuldades europeias, tão míopes, foi resolvido no encontro entre o Papa Francisco e o Patriarca Kirill em Havana.

Padre Alexander Borisov - pároco de Santos Cosme e Damião (em russo): Em relação ao encontro entre o Patriarca Kirill e o Papa Francisco, eu poderia dizer que na Rússia existem opiniões muito diferentes. É uma grande alegria que os chefes das duas maiores igrejas finalmente tenham se encontrado. E creio que no nosso mundo, onde todos os grupos sociais se dividem entre eles, os povos se separam uns dos outros, até mesmo os povos vizinhos, Ucrânia, Rússia, etc., este encontro mudará o espírito das relações entre os diversos países e os diversos povos.

Alla Fedotcheva - Fashion designer (em russo): Nenhum cristão pode estar tranquilo enquanto não se alcançar a unidade entre todos os cristãos. O que significa para nós em Moscou, onde vivemos, o encontro entre o Patriarca Kirill e o Papa de Roma Francisco? Dá a esperança, a paz, a perspectiva de que o mundo unido está perto.

Escrita em italiano

“Vai levar tempo, mas a pequena planta do Ideal crescerá e se tornará uma grande árvore”

Chiara Lubich a Tatiana Zhukova de Moscou – 3 de maio de 1997

09) UMA SAUDAÇÃO DA COMUNIDADE DO CAZAQUISTÃO: TELEFONEMA DO FREI LUCA BÀINO

Tecris: Vamos permanecer na mesma região, mas vamos para o Cazaquistão. Conversaremos agora, por telefone, com Luca Bàino, frei franciscano, que vive em Taldykorgan. Você está ouvindo?

Frei Luca: Sim, olá a todos!

Tecris: Olá!

Frei Luca Bàino: Serei eu a falar porque aqui já são altas horas da noite. A nossa paróquia de Taldykorgan, dedicada à Virgem de Guadalupe (cujas características se assemelham curiosamente àquelas do povo cazaque) é formada por descendentes dos deportados dos tempos soviéticos.

Texto do vídeo 2280M (duração: 52')

Naquele período as avós batizavam às escondidas os netos e transmitiam a fé para eles. Uma vez por mês, visito também uma pequena comunidade na fronteira com a China.

O Cazaquistão é um país tolerante, devido ao pluralismo de religiões e nacionalidades. O próprio Governo afirma esta tolerância e respeito e as pessoas vivem esta realidade com normalidade.

Estamos unidos aos focolares de Moscou. No ano passado participaram 8 pessoas da comunidade na Mariápolis de São Petersburgo, e faremos o mesmo este ano. Encontramo-nos mensalmente com alguns paroquianos para o encontro da Palavra de Vida. Também participam alguns Protestantes e Ortodoxos. Estamos todos contentes e interessados em poder “encarnar” a Palavra na vida concreta. Na Festa de Pentecostes organizamos um concerto de música com expectadores e artistas de todas as três Igrejas. Partilhamos reciprocamente os principais momentos litúrgicos.

Aproveito para saudar a todos no mundo e convidar quem quiser nos visitar e ajudar por algum tempo.

Até logo a todos!

Tecris: Até logo! Obrigada, frei Luca. Saudações a todos!

Frei Luca: Serão dadas.

10) DIALOGANDO COM MARIA EMMAUS VOCE E JESUS MORAN

Tecris: OnCity, revitalizemos as nossas cidades. Uma experiência de cidadania, realizada em Castelgandolfo, com a participação de 900 pessoas de trinta países. Profissionais, estudantes, pessoas empenhadas no âmbito social e político. Uma grande variedade de ações e experiências. Emmaus e Jesús, também vocês participaram deste evento. Digam-nos alguma coisa, o pensamento de vocês sobre isto e o diálogo que suscitaram.

Emmaus: Gostaria, de certa forma, de esquecer OnCity, porque assistimos a um OnCity planetário. As experiências e histórias que ouvimos do mundo inteiro, seguem a mesma linha do congresso OnCity, realizado aqui na semana passada. Elas nos fazem notar - me parece - que, ao lado de um mundo que parece disperso, confuso, desorientado, separado, com todos os males do universo, existe outro mundo, feito de pessoas que vivem pela unidade do mundo, pela fraternidade universal, e constroem! Ouvimos isso nas experiências que nos contaram, você não acha?

Jesús: Sim.

Emmaus: Tenho a impressão de que também este Collegamento tem o seguinte significado: unir todos nós - não apenas 900 pessoas, como no evento OnCity, mas todas as que estão conectadas neste momento -, e repetir a todos nós juntos: “Temos uma grande força, somos uma força, somos uma força!”. Creio que em todas estas experiências veio à tona que todas as pessoas que falaram no congresso OnCity, se perguntavam: “Mas o que eu posso fazer?”, e começaram a agir.

E estas ações, que começaram com uma pessoa, mudaram alguma coisa no mundo. Percebia-se que esta pessoa teve a força de recomeçar porque não se sentiu sozinha, atrás dela havia um corpo, todos unidos por um único objetivo, um único Ideal, portanto prontos a dar a vida, capazes de arriscar para obter alguma coisa.

Isso é realmente forte. Uma única pessoa, com a força do conjunto pode realizar milagres! Assim como uma única pessoa pode causar tantas tragédias com uma bolsa de explosivos, da mesma forma uma pessoa animada pelo amor, que é um explosivo para gerar vida e não morte, pode fazer milagres! Creio que na conclusão deste collegamento devemos nos sentir todos fortificados.

Jesús: De fato, creio que já estamos. Pensando no que disse este sacerdote do Cazaquistão, e todos os que estão ali, sem dúvida nos sentiremos fortificados por um povo que vive a mesma realidade. Para nós o Cazaquistão é muito distante, e todos eles ali neste país tão grande, com tantos desafios, é muito importante sentirem-se parte de um corpo que pulsa pelas mesmas realidades.

No evento OnCity nós mencionamos um maravilhoso texto de Chiara, que conhecemos: a “Ressurreição de Roma”. No verão de 1949 Chiara viveu uma experiência de intensa luz; depois foi para Roma e viu uma cidade destruída, logo depois da guerra, cheia de problemas, mas ela tinha dentro de si esta luz, a forte ideia da fraternidade; olhou para Roma com estes olhos e não parou. Assumiu todas as dores que encontrou à sua volta: coxos, cegos, pessoas desorientadas interiormente, e disse: Eu devo ressuscitar neles. Ela tinha uma tal convicção do amor ao irmão que disse: eu ressuscito, ressuscitando estas pessoas.

Tivemos a impressão de que a “Ressurreição de Roma”, é um símbolo daquilo que devemos fazer. Cada um de nós deveria começar todos os dias no lugar onde vive, que pode ser na cidade, no campo, num país grande, num país pequeno, com a mesma força, sabendo que deve estar ali para assumir os sofrimentos dos outros, para amar, tratar todos como irmãos, sabendo que tem consigo um corpo que faz a mesma coisa, talvez a milhares de quilômetros de distância!

Li nestes dias o texto "Storia di Light", (História de Luz) que está sendo publicada na revista Nuova Umanità, e Foco narra que Chiara dizia que eles podiam ser luzes acesas e que Deus, olhando para a terra, visse um firmamento.

Diante de tantos problemas de hoje não vemos outra coisa a não ser este protagonismo pessoal que é, ao mesmo tempo, protagonismo de um corpo que vive. E, certamente, não somos os únicos, existem muitas pessoas, mas para nós é assim.

Emmaus: É verdade, é assim. Eu creio que é exatamente assim. Faz-me lembrar uma canção do Gen Verde que diz: "Não sou um super herói, mas creio no nós"; nenhum de nós se sente um super herói. "Mas creio no nós!".

Então, acreditando no *nós*, podemos avançar! Depois deste collegamento, com todos os demais, partilhar a dor, os medos, as angústias, as dúvidas, porque também nós sentimos tudo isso – e devemos também senti-las porque fazemos parte desta humanidade. Porém, mais forte do que tudo isso, ter uma grande esperança, somos uma força porque "não somos super heróis, mas acreditamos no nós ", e portanto cada um se torna protagonista neste sentido. Vocês não acham? Eu creio que o mundo inteiro está de acordo com isso; e conto com esta adesão do mundo inteiro porque, sem dúvida, juntos, podemos fazer alguma coisa.

E como fazer alguma coisa? Creio que ninguém como Chiara pode nos dizer como fazer. Então vamos escutar Chiara, mas com esta alma, pensando: "Chiara, o que você nos diria? O que devemos fazer para construir esta realidade?". E Chiara nos fala de um amor especial. Escutemos Chiara com o seu amor especial, que é o amor com o qual também nós queremos amar este mundo.

11) CHIARA LUBICH: A FRATERNIDADE SE REALIZA SOMENTE COM UM AMOR ESPECIAL

Chiara Lubich¹:

[...]

A fraternidade se realiza somente com um amor especial. É um amor dirigido a todos, como Deus Pai que manda a chuva e o sol sobre os maus e sobre os bons. Não é um amor dirigido somente aos parentes, aos amigos, a alguma pessoa, mas é dirigido a todos. Para isso, já é necessária exercitação. Se saíssemos dessa sala unicamente com o propósito de amar todas as pessoas que

¹ Berna, 4 de setembro de 2004 - encontro do Movimento político pela unidade - A fraternidade na política: utopia ou necessidade?' - resposta a uma pergunta.

encontrarmos; possivelmente, se formos cristãos, vendo Cristo nelas, porque ele dirá: «A mim o fizestes», «a mim o fizestes», a meu ver já sairíamos ganhando, pois partiria daí a revolução cristã. Este amor, que é necessário para a fraternidade, não é tolerância, mas é também tolerante, não é solidariedade, mas é também solidariedade. É algo diferente, pois é o mesmo amor de Deus (nós, cristãos, dizemos: difundido no nosso coração pelo Espírito Santo). É um amor que toma a iniciativa. Não espera ser amado. Ele se lança e é o primeiro a amar. Ele se interessa pelas pessoas,... naturalmente não devemos turbá-las. É um amor que toma a iniciativa. Não espera ser amado. Em geral, nesse âmbito, esperamos sempre ser amados para poder amar. Ao invés, esse amor é o primeiro a amar. Por isso causa uma revolução. O nosso Movimento é obra de um carisma de Deus e não nossa. Por isso ele chegou aos últimos confins da Terra. Se partirmos daqui pensando em amar a todos e de tomar sempre a iniciativa no amor, sem esperar... Já se vive o Evangelho! Entendeu o que é o Evangelho? É isso!

Esse amor não é sentimental, não é um amor platônico, não é um amor superficial. É um amor concreto. Ele se faz um com a pessoa amada: se está doente, se sente doente com ela; se está alegre, se alegra com ela; se conquista algo, é também uma conquista sua. Como diz São Paulo: «Fazer-se tudo a todos», fazer-se pobre, doente com os outros. Partilhar: o amor é assim; ele é concreto.

Portanto, é um amor voltado para todos, que entra primeiro em ação. É um amor que deve ser concreto.

Além disso, temos que amar os outros como a nós mesmos. Assim nos diz o Evangelho. Vejo a minha companheira, Eli, nesta sala. Ela, para mim, é como se fosse eu mesma, pois devo amá-la como a mim, Chiara. Eu devo amar Clara como a mim mesma. Esta senhora também, eu devo amá-la como a mim mesma, pois é o que pede o Evangelho.

Também isso é incrível: quando é que se ama os outros como a si? De certo modo quase nos transferimos nos outros para amá-los.

Se este amor for vivido por muitas pessoas, torna-se recíproco, pois eu amo Marius. Marius me ama. Eu amo Clara. Clara me ama. Este amor recíproco é a pérola do Evangelho. Jesus disse: «Eu vos dou um mandamento novo: amai-vos uns aos outros como eu vos amei». Ele disse que este mandamento é o seu e é novo. Ele sintetiza o Evangelho. É a base da fraternidade. O que podemos fazer para sermos irmãos uns dos outros mais do que nos amar e amar-nos como ele nos amou, a ponto a dar a vida por nós?

É preciso considerar tudo isso.

Texto do vídeo 2280M (duração: 52')

Considerando como é este amor... Respondo ao senhor que me fez a pergunta. Como deve ser o nosso relacionamento com as pessoas? Deve ser em forma de diálogo. Eu devo ver no outro alguém com quem eu devo dialogar. Para dialogar, devo conhecê-lo. Então, devo entrar no outro. Não devo impor nada, mas tentar compreender o outro. Deixar que ele se exprima.[...] temos que entrar no outro, deixar que o outro se abra, deixar que o outro fale e que sinta o vazio em nós, a capacidade de compreendê-lo. A nossa experiência é que o outro se sente amado. Por isso, espera com abertura o nosso discurso.

O papa diz uma frase muito bela sobre o diálogo. Então, é preciso apresentar a nossa verdade, aquela que nós pensamos, mas que seja "um respeitoso anúncio", isto é, um anúncio que respeita o pensamento do outro, que não quer angariar prosélitos, que não quer atacar ninguém. Este é o diálogo que deve ser feito... É a base da nossa vida, da fraternidade universal.

12) SAUDAÇÃO FINAL

Tecris: Com estas exigentes palavras de Chiara nos despedimos. O nosso próximo encontro será no dia 18 de junho às 20h. Como sempre, a partir de amanhã, serão publicadas no site do Collegamento CH, as notícias de hoje para serem partilhadas através das redes sociais. Até breve a todos e boa noite à Ásia. Wan an.

13) IMAGENS DA ANTENA NO JARDIM DA CASA DE CHIARA